

Menthalos

**História em quadrinhos composta por
Jozz e Antonio Vicente Seraphim Pietroforte**

As origens de Menthalos

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Se a literatura muitas vezes encaminha o interesse pelos livros e desperta o prazer da leitura, na minha geração – nasci em 1964 – esse papel foi cumprido também pela História em Quadrinhos. Fui alfabetizado aos 5 anos de idade; antes dos livros, o que busquei ler pela primeira vez, fora das obrigações da escola, foi uma gibi do Homem de Ferro. Havia, então, um programa de televisão para crianças, chamado Sessão Patota, cuja atração principal eram desenhos de super-heróis; cada dia da semana era reservado para um deles. Eram os heróis da Marvel, alguns ainda se lembram dos antigos desenhos “quase” animados do Capitão América, do Hulk, do poderoso Thor, de Namor, o príncipe submarino, e do Homem de Ferro. Ao redor deles, havia também bonecos e gibis – os bonecos eram bem toscos, comparados com os de hoje em dia; os gibis, porém, eram editados com capricho pela EBAL, a cores e em formato America, com histórias, na época, atualizadas com o que era editado nos Estados Unidos, contrariamente ao que se aconteceu, em anos posteriores, na época em que a editora Bloch assumiu o mercado.

No entanto, quando, aos 7 anos de idade, resolvi escrever, fiz contos de terror, também influenciado pela televisão – toda sexta feira à noite passava, na TV Bandeirantes, filmes de terror e ficção científica no programa Cine-Mistério – terminei por me formar em Letras e me tornei professor universitário nas áreas de semiótica e lingüística geral. Apesar disso, embora hoje em dia minha vida profissional esteja bastante concentrada na literatura, nunca abandonei os quadrinhos, seja como leitor, seja nos ensaios de semiótica que já publiquei sobre o tema; por volta de 2007, depois de haver escrito romances, contos e poesia, todos gêneros literários, revolvi fazer uma HQ. Não sou desenhista, para desenvolver o projeto inicial do texto lancei mão de fotografias, a maioria colhida na internet, com as quais, por meio dos poucos recursos que domino do processador de texto, consegui montar as primeiras versões do roteiro de *Menthalos*. Por fim, quando trabalhei com o Luiz Gê no livro *Análise textual da história em quadrinhos – uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê*, acabei conhecendo o Jozz, que aceitou fazer os desenhos e aprimorar a narrativa a partir das minhas montagens de fotos e textos verbais.

Menthalos, no entanto, tem outras origens além dessa. Quem está acostumado com os processos de criação artística, sabe que a relação com o cânone, qualquer que seja seu estatuto semiótico – literário, musical, pictórico, etc. – é fundamental; nos cânones, as soluções engenhosas dos grandes autores estão à disposição de quem souber fruir e usufruir delas. Para quem escreve literatura, a leitura de clássicos como Homero, Dante, Sade, Henry Miller, entre muitos mais é indispensável; para quem faz HQs, ocorre o mesmo com Winsor Maccay, Osamu Tezuka, Guido Crepax, etc. Todavia, ao lado desse tipo de cânone, de ordem geral, formado por meio da crítica especializada, cada autor, em particular, constrói um cânone pessoal, em que textos provenientes daquele cânone geral dialogam com outras influências. Desse ponto de vista, *Menthalos* tem suas origens nos muitos livros e HQs que li ao longo da minha vida, permeados por gostos bem pessoais.

Antes de tudo, entre os temas articulados no discurso da HQ, trata-se de uma novela gráfica sadomasoquista, cuja influência principal é George Pichard, com ênfase na podolatria, influenciada, nesse tópico, por Franco Saudelli e Dennis Cramer. Contudo, como *Menthalos* e suas companheiras são anti-super-herói, o diálogo com Stan Lee e a Marvel Comics é evidente. Gosto bastante desse tema erótico, meu primeiro romance, *Amsterdã SM*, é um romance sadomasoquista; em 2008, organizei, com o Glauco Mattoso, a antologia de contos e poesias *M(ai)s – antologia SadoMasoquista da literatura brasileira*; já está no prelo nossa segunda antologia, *Aos pés das letras – antologia da podolatria na literatura brasileira*. Contudo, não se trata apenas disso, há, em *Menthalos*, pelo menos uma tematização mítico-religiosa, quase esotérica, nas citações de Cornélio Agrippa e Robert Fludd; uma tematização musical, nas diversas citações de instrumentos musicais e músicos de jazz, em especial, do álbum *Song X*, de Pat Metheny e Ornette Coleman; e uma tematização metalingüística, quando os quadrinhos falam dos próprios quadrinhos, mas, ainda, quando são citados temas da semiótica, das teorias da linguagem e da lingüística moderna, como frases dos lingüistas mais importantes do século XX, Noam Chomsky e Ferdinand de Saussure – este último aparece como personagem da HQ no capítulo 6.

Isso faz de *Menthalos* uma “epopéia pessoal”, sem dúvida, entretanto, na medida em que dialoga com temas sociais – o sadomasoquismo, a religião, a música e a semiótica – a HQ ganha uma inserção menos subjetiva e pode alcançar seus possíveis leitores, descentralizando-se, assim, exclusivamente dos gostos e da formação de quem a concebeu. Numa primeira leitura, *Menthalos* pode parecer fruto de delírios gráficos, cujo texto teria a única função de coordenar imagens quase aleatórias, com frases muitas vezes sem sentido imediato, todavia, as articulações entre os temas e as figuras vão além disso. Uma citação – e em *Menthalos* há várias delas – não tem apenas a função de ornamentar o discurso, mas de promover diálogos que trazem, para dentro

do texto, outros textos em relação aos quais tal discurso se define; trata-se de estabelecer ligações conceituais das quais o leitor se deve valer para a fruição da história.

Em tempos em que a facilidade, a favor da rapidez, tende a banalizar quaisquer conteúdos, fica fácil apelar para o “sem sentido” diante das dificuldades dos percursos de leitura, banalizando, assim, mais uma vez a semiose dos textos mais complicados. Assim sendo, *Menthalos* pede, antes de tudo, uma desaceleração do tempo de leitura, e uma reflexão um pouco mais detida a respeito da construção do sentido e das diversas ordens conceituais que contribuem para sua forma; em sua semiótica, *Menthalos* busca resistir à banalização da significação não por meio do “sem sentido”, mas pela complexificação dele.